

Era uma vez um autor e seu estilo...

**(A correspondência de Monteiro Lobato como
documento da formação do autor)**

Camila Russo de Almeida

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Resumo: A partir de 1903, o escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) começa a corresponder-se com seu amigo Godofredo Rangel (1884-1951) e ao longo desta correspondência, sobretudo no período que antecede a publicação de Urupês (1918), obra de estréia de Monteiro Lobato, alguns traços relativos à sua concepção de linguagem e literatura são evidenciados, bem como também se documenta sua formação de estilo como escritor. A pesquisa aqui proposta busca levantar e discutir tais elementos, elencando suas leituras na época, bem como suas preocupações com questões de linguagem.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; formação de estilo; correspondência.

INTRODUÇÃO

Na cidade de Taubaté (SP), José Bento Monteiro Lobato nasceu a 18 de Abril de 1882, filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Monteiro Lobato. Passa a infância na cidade natal e após a morte de seus pais, é criado junto com suas irmãs, Esther e Judith, por seu avô materno, José Francisco Monteiro_ visconde de Tremembé. Em 1900, muda-se para a cidade de São Paulo após ser aprovado nos exames da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. É nesta época que junto com um grupo de amigos forma o Cenáculo, denominado também Cainçalha e reúnem-se quase todas as noites no Café Guarani e na república estudantil do Minarete, lugares estes em que além de se divertirem, fazem reflexões filosóficas e discutem a literatura da época.

Após formar-se em Direito em 1904, retorna a Taubaté e depois disto vive em constante mudança de cidade: mora em Areias, onde foi nomeado promotor público (1907); volta para Taubaté, pois após a morte do seu avô visconde, assume a direção da fazenda herdada_ fazenda Buquira (1911); já em 1917 vende a fazenda e muda-se para São Paulo, e compra a Revista do Brasil publicando seu primeiro livro Urupês (1918); em 1920 Lobato e Octalles Marcondes Ferreira criam a Monteiro Lobato e Cia., e em 1924, surge a Cia. Gráfico Editora Monteiro Lobato; com a falência da editora muda-se para o Rio de Janeiro e em setembro de 1925, junto com Octalles Marcondes funda a Cia. Editora Nacional; segue para Nova York, após ter sido nomeado adido comercial do Brasil nos EUA (1927) e regressa quatro anos depois, pobre, porém entusiasmado com campanhas em favor do petróleo e ferro nacional; depois de ser preso pela ditadura em 1941, exila-se na Argentina onde permanece apenas por um ano. Falece a 5 de julho de 1948.

Lobato foi entre tantas coisas escritor, mas nutria uma grande paixão pelas Belas Artes. Em uma carta ao amigo Rangel faz a seguinte confissão:

“No fundo não sou literato, sou pintor. Nasci pintor, mas como nunca peguei nos pincéis a sério (...)arranjei, sem nenhuma premeditação, este derivativo de literatura, e nada mais tenho feito senão pintar com palavras”.¹

Foi na época que freqüentava a Faculdade de Direito que Lobato começou o período de sua formação como autor e foi também a partir desse momento que conheceu o amigo Godofredo Rangel com quem começou a corresponder-se desde 1903: a literatura os uniu e nunca mais deixaram de trocar cartas graças a ela. Esta pesquisa utiliza-se principalmente da obra A Barca de Gleyre que reúne a correspondência de Lobato com Rangel, buscando nas cartas aí enfileiradas, as informações relativas a leituras e preocupações com linguagem, entendendo que tais informações podem documentar a formação do escritor Monteiro Lobato antes da publicação de seu primeiro livro Urupês.

1. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. 1º tomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.. p. 251, 252. Carta de Areias, 06/07/1909).

OBJETIVOS

Esta pesquisa tem por objetivo estudar a formação literária de Monteiro Lobato durante seus anos de aprendizado literário, através da análise da correspondência mantida por ele com seu amigo Rangel, entre 1903 (data da primeira carta ² trocada entre ambos) e 1918 (ano da publicação de Urupês), sem perder de vista também outros correspondentes do escritor na época.

2. No anexo A, encontrado ao final deste trabalho, há uma tabela geral da correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, tal como está reunida e agrupada em LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. Ao longo da pesquisa, a tabela será aprimorada com outros dados e informações a cerca das cartas.

HIPÓTESES E DISCUSSÃO

Em 1903, o escritor brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948) inicia a correspondência com seu amigo Godofredo Rangel. Os quarenta anos de cartas que se sucedem estão reunidos em sua obra A Barca de Gleyre (1943).

Ao longo das 340 cartas e dois bilhetes, enfeixados neste livro, Lobato aborda diversos temas, desde assuntos triviais e cotidianos, até questões literárias, filosóficas e existenciais:

“Não és capaz, nunca, de adivinhar o que estou comendo. Estou comendo... Tenho vergonha de dizer. Estou comendo um companheiro daquilo que alimentava S. João no deserto: içá torrado!”.³

“Ando a elaborar uma teoria da vida. Escuto a voz do corpo e a voz do espírito e ponho a Vontade ali de pé, muito solícita, para dar às duas vozes tudo quanto elas pedem (...) Que é que chamamos felicidade senão a perfeita harmonia entre corpo e alma, o perfeito funcionamento de ambos (...) nunca entregue à razão. A razão é uma coisa cheia de padres e bispos, de professores e filósofos, de tiranias e sedimentações de vontades alheias”.⁴

O assunto que mais freqüentemente os ocupa, no entanto, é a Literatura, tornando-se, assim possível, através destas cartas, e particularmente nos primeiros anos desta correspondência (que recobre o período em que ambos, ao que parece, ensaiavam-se como escritores), um estudo relativo às idéias e concepções de Lobato acerca da Literatura, e, sobretudo acerca de estilo.

Estudar a formação e amadurecimento do estilo de um autor é importante: conhecer, por meio de sua correspondência, como se efetuou a construção de um escritor e de seu estilo é o objetivo deste

3. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 1º tomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 34, 35. Carta de S. Paulo, 1903).

4. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 1º tomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 127. Carta de Taubaté, 1906).

trabalho. O presente trabalho valer-se-á do próprio discurso de Monteiro Lobato como base para a pesquisa, uma vez que não estaremos conhecendo o por meio de outro pesquisador.

As cartas de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel não foram, aparentemente, escritas com o objetivo de serem publicadas, tendo, a uma primeira leitura, a finalidade de permitir a comunicação entre dois amigos. Será, então que elas podem ser consideradas fiéis “portadoras” de pensamentos e intenções do autor? A veracidade documental de cartas é discutível: elas não podem ser tomadas como única fonte de informações, uma vez que um autor é muito mais que cartas e que estas também podem apresentar algumas montagens devido a sua edição antes da publicação. Em 15 de Setembro de 1943, por exemplo, Lobato comenta com Rangel o seguinte trecho aqui transcrito, que melhor ilustra essa idéia de edição das cartas:

“Achei ótima a idéia de você mesmo bater na máquina as tuas cartas. Farei isso às minhas, e assim as depuraremos dos gatos, do bagaço, das inconveniências. Deixaremos só o bom_ como as canas de chupar que a gente atora a ponta e o pé. Depois decidiremos sobre o que fazer. Imagine uma edição de Cartas Nossas em dois ou três volumes, coisa que nunca foi feita neste país!

*Não posso formar opinião definitiva antes da datilografagem de tudo, da poda das pontas e pés e da “limpeza” raspagem da cana. Numa das tuas há uma pequenina confissão que se sair impressa te deixa raso aí em Belo Horizonte. Aquela historia do...”.*⁵

Alguns dias depois (28/09/1943), volta ao assunto:

*“Estou datilografando minhas cartas, e espero que estejas fazendo o mesmo às tuas. Tanto as minhas como as tuas só poderão ser lidas em letra mecânica”.*⁶

5. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 2ºtomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 354. Carta de S. Paulo, 15/09/1943).

6. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 2ºtomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 357. Carta de S. Paulo, 28/09/1943).

Mas esta questão da “veracidade” do gênero epistolar, embora sempre no horizonte deste trabalho, não o inviabiliza, uma vez que não se pretende discutir se as cartas com que trabalharemos são totalmente verídicas ou se são montagens: iremos apenas tomá-las como um recorte da realidade do autor, que este quer mostrar a Rangel.

Ao ter esse recorte, que podemos chamar de “construção da imagem” de Monteiro Lobato, a correspondência_ através da menção a autores e obras_ além de delinear o horizonte sócio cultural contemporâneo da época, irá revelar alguns dos caminhos textuais (leituras, re-escrituras dos próprios textos e discussões de textos de Rangel) que Lobato percorreu até chegar à publicação de seu primeiro livro Urupês (1918).

É importante salientar que a preocupação com a originalidade de estilo, tão freqüente nos autores, também comparece a esta correspondência. A constância do tema e as nuances que vai ganhando sugere que para Lobato, estilo não é algo que surge num dado dia, mas é fruto de muitos anos de pesquisa e treino:

“(...) Estilo é a ultima coisa que nasce num literato _ é o dente do sizo. Quando já está quarentão e já cristalizou uma filosofia própria(...) quando alcança a perfeita maturidade da inteligência, então, sim, aparece o estilo”.⁷

Dessa forma, se atentarmos para as próprias cartas, veremos um texto trabalhado, que sugere que embora Monteiro Lobato já possuísse uma certa originalidade expressiva, sua linguagem vai sendo aprimorada ao longo de sua vida:

7. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 2ºtomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 101. Carta de Taubaté, 15/07/1905).

“Tua carta é um atestado de tua doença: literatura errada. Julgas que para ser um homem de letras vitorioso faz-se mister uma obsessão constante (...) Deixa-te em paz, homem, não tortures assim o teu pobre cérebro(...) Esqueça que há literaturas no mundo e viva aí uma vida bem natural(...) Cura, arrote_ e quando dormir, ronque. Verás que boa é a vida sem literatura(...) Sare, homem! Estás malíssimo de ergugitamento literário. Vomite o Flaubert.”⁸

Esta originalidade de estilo do Monteiro Lobato correspondente de Godofredo Rangel sugere que, ao longo desta pesquisa, se desenvolvam algumas análises de cartas lobatianas.

8. (LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre, 2º tomo. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 47, 48, 49. Carta de S. Paulo, 10/01/1904).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Leitura de toda a correspondência lobatiana;
- Seleção do corpus correspondente ao período a ser trabalhado na pesquisa;
- Digitalização (quando possível) e digitação do corpus;
- Organização de banco de dados dos livros mencionados;
- Seleção dos textos metalingüísticos a serem analisados;
- Análise dos textos selecionados.

CRONOGRAMA

	1.bimestre	2.bimestre	3.bimestre	4.bimestre	5.bimestre	6.bimestre
Leitura extensiva da obra lobatiana	X	X	X	X	X	X
Leitura da bibliografia relativa ao projeto	X	X	X	X	X	X
Digitalização e digitação das cartas	X	X	X			
Organização do banco de dados dos livros mencionados			X	X	X	
Seleção dos textos, metalingüísticos a serem analisados			X	X	X	
Análise dos textos metalingüísticos articulando -os ao banco de dados de leituras				X	X	X

BIBLIOGRAFIA:

ATHANÁZIO, Enéas. “O outro lado de ‘A Barca de Gleyre’”. Literatura – Revista do Escritor Brasileiro. Brasília, São Paulo, nº 10.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de, CAMARGOS, Márcia, SACCHETTA, Vladimir. Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia. São Paulo: SENAC, 1997.

BORGES, Maria Zélia. “Exatidão e Liberdade na Linguagem de Monteiro Lobato”. Todas as letras. São Paulo, v. 1, n. 1, 1999, p.1.

BORGES, Maria Zélia. “Vocabulário de Monteiro Lobato em duas de suas obras destinadas à criança”. Todas As Letras Revista de Língua e Literatura, São Paulo, v. 4, n. 4, 2002, p.21-9.

BOSI, Alfredo. O pré-modernismo. São Paulo: Cultrix, s.d.

BOSI, Alfredo. “Lobato e a criação literária”. Boletim bibliográfico biblioteca Mário de Andrade. São Paulo: 1982.

CAMARGOS, MÁRCIA Juca e Joyce: memórias da neta de Monteiro Lobato / depoimento a Márcia Camargos. São Paulo: Editora Moderna. 2007.

CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato: vida e obra. São Paulo: Nacional, 1955.

CASSAL, Sueli Tomazini Barros. Amigos escritos: quarenta e cinco anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2002.

COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria: literatura e senso comum. Trad. Consuelo Santiago e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CONTE, Alberto. Monteiro Lobato: o homem e a obra. São Paulo: Brasiliense, 1948.

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. Rio de Janeiro, São José, 1966.

DANTAS, Paulo (org.) Vozes do tempo de Lobato. São Paulo: Traço, 1982.

DANTAS, Paulo. Presença de Lobato. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

FILHO, Domício Proença. A Linguagem literária. 7. ed., São Paulo, Ática, 2003.

GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia Battella (org.) Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GARCIA, Eliana Yunes. O Pensamento Lobatiano: “princípios”, “meios” e “fins”. Letras de Hoje. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982, p.29-34.

GOH, Simone Strelciunas. *Metalinguagem e marcas de oralidade em Monteiro Lobato*. Dissertação de Mestrado (orientação Hudinilson Urbano). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

LAJOLO, Marisa. “A Modernidade em Monteiro Lobato”. Letras de Hoje. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982, p.15-22.

LAJOLO, Marisa (Org.). Monteiro Lobato - literatura comentada. São Paulo: Abril, 1981

LAJOLO, Marisa. *Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes* apud História da literatura: ensaios. Campinas: Editora da Unicamp. 1994

LAJOLO, Marisa. “Uma carta inédita de Monteiro Lobato”. Leia livros, v. 51, p.14.

LEITE, Sylvia Helena Telaarolli de Almeida. “O pré-modernismo em São Paulo”. In: Revista de Letras, Unesp, São Paulo, v. 35, 1995.

LIMA, Alceu Amoroso. Estudos literários. Rio de Janeiro: Aguillar, 1966.

LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. 7 ed, São Paulo: Brasiliense, 1956.

LOBATO, Monteiro. Prefácios e entrevistas. 11ed, São Paulo: Brasiliense, 1964.

LOPES, Eliane Maria Teixeira et al. Lendo e escrevendo Lobato. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUCA, Tania Regina de. “Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n’A barca de Gleyre”. In: GOMES, Angela de Castro Gomes (org.) Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.139-161.

LUCAS, Fábio. O mundo das cartas. Letras de Hoje. Porto Alegre. v.15, n.3, 1982.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. “Pré-Modernismo, Modernismo ou Monteiro Lobato e o outro lado da Lua”. D.O. Leitura, 12 maio 1994.

NUNES, Cassiano. A correspondência de Monteiro Lobato. São Paulo: s.n., 1982.

PEREIRA, Maria Otília Farto. *Estilo e metalinguagem na literatura de Monteiro Lobato*. Tese de Doutorado (orientação Jeane Mari Sant’Ana Spera). Assis, SP: Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2004.

QUEIROZ, Sônia (organizadora). *Estilos*. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

SANDRONI, Luciana. Minhas memórias de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

VIEIRA, Adriana Silene. “Metáforas lobatianas de leitura”. Proleitura, Assis, SP: UNESP, n. 18, fev. 1998, p.7.

WELLECK, René. WARREN, Austin. Teoria da Literatura. Lisboa: Europa-América, 1976.